MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
5 de Dezembro de 2017

I.
Mário Centeno é o novo presidente do Eurogrupo. Ministro português das Finanças foi eleito à segunda volta.

Europa e África querem uma força de intervenção conjunta para combater a escravatura e tráfico de seres humanos.

Ainda neste programa: Presidente do Conselho Europeu pede solução aceitável para fronteira entre a Irlanda e a Irlanda do Norte após Brexit.

II.
Bem-vindos ao Magazine Europa!

Mário Centeno é o novo presidente do Eurogrupo. A eleição do ministro das finanças português decorreu ontem em Bruxelas.

Foram necessárias duas rondas para eleger o sucessor de Jeroen Dijsselbloem.

A letã Dana Reizniece-Ozola retirou-se na primeira volta e o eslovaco Peter Kazimir desistiu na segunda. Estava na corrida ainda o luxemburguês Pierre Gramegna.

Centeno entra em funções em Janeiro. O mandato é de dois anos e meio.

E esta semana, Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado em Bruxelas, está em Macau para participar numa série de conferências.

Victor, em relação à eleição do presidente do Eurogrupo, esperava-se este resultado? Que importância estratégica tem esta posição de Mário Centeno na UE? Que mais-valia é que poderá ter essa eleição?
A chanceler alemã Angela Merkel, o presidente francês Emmanuel Macron e o primeiro-ministro da Itália, Gentiloni, reuniram-se nas margens da cimeira Europa-África em Abijan, discutiram a presidência do Eurogrupo e chegaram à conclusão que iriam recomendar a candidatura do ministro português das Finanças. Ora, estas três pessoas têm uma influência determinante na escolha do próximo presidente do Eurogrupo. Mas para além deste acordo entre esses três dirigentes, é evidente que o Eurogrupo precisava de encontrar novos equilíbrios e a eleição de Mário Centeno vai nesse sentido. Novos equilíbrios em termos de famílias políticas, na medida em que todos os outros lugares de direcção nas instituições

europeias estão ocupados por gente do centro direita – Mário Centeno representaria e representa o centro esquerdo – por isso esse equilíbrio em termos de famílias políticas é muito importante na Europa. Também um equilíbrio geográfico, no sentido de que seria importante que se fosse alguém vindo da Europa do Sul, que passasse a liderar este Eurogrupo – Mário Centeno evidentemente representa a Europa do Sul – e também equilíbrio em termos de se encontrar alguém que possa virar a página, alguém que não represente o programa de austeridade que vinha a ser seguido pela Europa, a opção austeridade que vinha a ser seguida pela Europa, mas alguém que consiga, por um lado, ter credenciais suficientes para dizer que conseguiu dar a volta à situação financeira portuguesa, à situação financeira do seu país, mas por outro lado tem uma abertura muito grande em relação às despesas públicas e orçamentos, ou seja, alguém que não é identificado com a política pura e dura de austeridade.

Quem ficou identificado a esta política de austeridade foi o antecessor de Mário Centeno. O que fica do trabalho de Jeroen Dijsselbloem?
Jeroen Dijsselbloem foi durante muitos anos um intransigente em matéria de despesas públicas e nomeadamente de obediência absoluta ao critério dos 3% de défice orçamental. É evidente que ele representava a linha mais ortodoxa dentro da União Europeia, uma linha muito próxima da posição alemã, da posição do Sr. Schäuble, uma linha muito próxima da posição de certos países nórdicos, nomeadamente de um país extremamente estrito em matéria orçamental, que é a Finlândia, mas é verdade também que Dijsselbloem tomou um determinado tipo de iniciativas, que permitiu, por um lado a Portugal – apesar do colete-de-forças da austeridade – encontrar financiamentos e resolver a sua situação financeira e também foi o senhor Dijsselbloem que esteve à frente do programa grego. Por isso, em certa medida, a sua imagem está muito associada com as questões da austeridade, mas ele tem, apesar de tudo alguns sucessos.

Já agora interessava aqui também abordar uma questão que tem sido bastante falada nos últimos tempos. Victor, faz ou não sentido que passe a existir um ministro das Finanças na União Europeia. Qual será aqui a posição de Mário Centeno?
Neste momento, não me parecem existir condições políticas para que se chegue a um acordo quanto à nomeação de um ministro das Finanças para a zona do Euro. A zona do Euro vai certamente conhecer algumas alterações, nomeadamente a criação de um Fundo Monetário Europeu, e essa será certamente uma das matérias que estará na agenda de Mário Centeno. Por outro lado, Mário Centeno vai continuar a trabalhar sobre a questão do resgate

grego e provavelmente o seu objectivo será fazer com que a Grécia possa sair da situação em que se encontra e entrar numa situação de normalidade e mais acesso aos mercados, por isso, ele vai certamente ter uma atitude bastante favorável em relação à Grécia. Estas duas questões vão ocupar bastante Mário Centeno. Ele terá, por outro lado, que conseguir explicar que é possível dar a volta aos orçamentos públicos e, mesmo assim, conseguir manter um certo nível de despesas sociais. Ou seja, ele vai ter uma agenda bastante carregada e não vai certamente insistir muito na questão do ministro das Finanças europeu, porque neste momento não me parece haver o mínimo de condições políticas para que isso possa acontecer.

III.
A União Europeia e a União Africana querem criar uma força de intervenção conjunta para lutar contra o problema da escravatura e tráfico de seres humanos. Esta proposta saiu da Cimeira União Europeia-África, que decorreu na semana passada em Abidjan, na Costa do Marfim. Mais com a jornalista Marta Melo.

A migração esteve no topo da agenda da Cimeira União Europeia-África, que decorreu na semana passada em Abidjan, na Costa do Marfim.
Na reunião, os dirigentes dos dois continentes assumiram um compromisso na luta contra o tráfico humano e contra os mercados de escravos na Líbia.
Nos planos, está a criação de uma força de intervenção conjunta para combater estes crimes. Do lado europeu, quatro países revelaram interesse. São a Itália, a França, a Alemanha e a Espanha. O Chade, a República Democrática do Congo, Marrocos, o Níger e a Líbia estão do lado africano.
O presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki Mahamat, revelou na ocasião que cerca de 700 mil pessoas estão a viver em campos de refugiados na Líbia e, muitas vezes, em condições desumanas.
Recentemente, um trabalho da CNN revelou a existência de leilões de imigrantes, que são vendidos como escravos na Líbia, país por onde passam a caminho do sonho europeu.

A cimeira África-Europa ficou marcada pela situação na Líbia, com a recente exposição de casos de tráfico humano pela CNN como ouvimos na peça. Uma força conjunta de intervenção poderá ser uma das soluções para pôr termo à compra e venda de pessoas, em pleno séculos XXI?

A questão, por exemplo, da força africana, a que se chama força G5 Sahel, que seria a força que permitiria controlar as fronteiras e

evitar a passagem, por exemplo, dos traficantes de pessoas e evitar todo o tipo de violências contra os candidatos à emigração. Essa força G5 Sahel, que já está neste momento no terreno, tem imensas dificuldades para funcionar. Por um lado, não tem financiamentos suficientes. Estamos a falar de cinco países que estão entre os países mais pobres do globo, estamos a dizer que estes países irão fornecer cada um deles mil miliares, mas mil militares que não estão equipados, que não têm condições logísticas para funcionar, não têm também preparação para funcionar. Isso é um problema muito sério de financiamento que não está resolvido e há também um problema muito sério de formação profissional destes militares, porque muitos destes militares são eles próprios agentes de violações de direitos humanos. Ou seja, esta questão foi de facto tratada em Abidjan, foi uma questão central durante a cimeira, mas é uma questão que tem que voltar a ser equacionada, tem que voltar a ser discutida e tem de ser vista com muita seriedade.

E Victor, podemos falar da Líbia como um caso isolado ou é apenas um de vários casos em África?
A escravatura existe noutros países da região, nomeadamente na Mauritânia. Aliás, costuma-se dizer que a Mauritânia é o país mais antiesclavagista do mundo, porque já aboliu a escravatura para aí umas dez vezes e a verdade é que continua a haver escravatura na Mauritânia, não com a intensidade que se está a verificar na Líbia, mas existe. O problema da Líbia é que a Líbia é neste momento um estado em crise profunda, ou seja, um estado que não tem um Governo Central com autoridade suficiente sobre todo o território nacional, é um estado que está neste momento partilhado entre grupos armados, com muitas dificuldades em trazer as diferentes tribos para um projecto de unidade nacional e, por isso, como não há lei nem rock, como não há ordem pública, na Líbia faz-se um pouco aquilo que os grupos armados conseguem fazer e conseguem impor, ou seja, nós estamos a falar de um país que é um corredor importantíssimo na transição dos migrantes que fogem da pobreza e de conflitos da África subsaariana em direcção à Europa. É um país importante enquanto corredor e é também um país numa situação extremamente caótica.

IV.
O presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, disse que proposta do Reino Unido sobre o futuro da fronteira entre a Irlanda do Norte e a República da Irlanda deve agradar ao governo irlandês e aos parceiros comunitários.
"Se a proposta do Reino Unido for inaceitável para a Irlanda, também será inaceitável para a União Europeia", salientou Tusk, após uma reunião em Dublin com o primeiro-ministro irlandês.Esta

é uma mensagem de apoio à Irlanda, que quer saber quais são os planos de Londres para manter a fronteira da Irlanda do Norte tão aberta quanto possível quando abandonar a união aduaneira.Tusk considera que o Reino Unido tem a responsabilidade de apresentar um compromisso credível de modo a evitar uma fronteira rigorosa.

Victor, dado o Brexit, que cenários é que parecem aqui possíveis ao nível fronteiriço?
A declaração de Donald Tusk é uma declaração muito importante. Eu tinha estado nas vésperas dessa declaração em contacto com dirigentes irlandeses e eles estavam extremamente preocupados porque estavam com medo que a Europa os deixasse cair, ou seja, que a Europa considerasse que a Irlanda é apenas um canto remoto da União Europeia e que as as outras questões relacionadas com o Brexit são mais importantes do que a questão da fronteira entre a Republica da Irlanda e a Irlanda do Norte. Quando Donald Tusk faz a declaração que fez, os irlandeses ficaram extremamente satisfeitos, porque, na realidade, para eles é um problema extremamente importante, é um problema que tem a ver com as trocas comerciais e com o desenvolvimento económico de praticamente toda a Irlanda, porque a Irlanda e a Irlanda do Norte são neste momento uma região económica integrada e qualquer tipo de obstáculo à transição ou à transferência de mercadorias e transferência de trabalhadores entre um lado e o outro, teria um impacto muito negativo no crescimento económico da Irlanda. Por outro lado, o facto de Donald Tusk ter dito que, sem o acordo da Irlanda, não haveria acordo com o Reino Unido no que diz respeito ao Brexit e, nomeadamente no que diz respeito à questão da fronteira, essa questão foi vista por outros países da União Europeia como uma declaração muito positiva, sobretudo pelos países mais pequenos, porque na União Europeia há quem diga que os países mais pequenos não contam e a mensagem que o presidente do Conselho Europeu Donald Tusk enviou foi exactamente uma mensagem de que esses países contam.

E neste arranque da semana, Theresa May vai reunir-se com o presidente da comissão europeia, Jean-Claude Juncker para apresentar aquelas que deverão ser as propostas finais no que toca a outros dois aspectos fundamentais, além da questão fronteiriça, que são os direitos dos cidadãos, acerto financeiro para consumar a saída da UE. Que esperar de esta nova ronda de negociações?
Eu creio que o Reino Unido vai ceder e vai compreender que precisa de chegar a um acordo nos próximos dias no que diz respeito às três grandes questões, ou seja, à questão do pagamento e das suas contribuições financeiras para o orçamento comum, à questão dos cidadãos europeus que vivem na Grã-Bretanha e também dos britânicos que vivem no resto da União Europeia. Eu penso que

nessas duas áreas vai-se certamente avançar rapidamente com a proposta, aliás, já há uma indicação muito clara de que Theresa May estará disposta a falar e a discutir um montante próximo dos 50 a 55 mil milhões de euros, quando até há pouco falava apenas em 20 mil milhões de euros. E também a questão da fronteira com a Republica da Irlanda, eu penso que ela também vai encontrar uma solução. E provavelmente a solução será uma solução do tipo via verde à portuguesa, ou seja, haverá um indicador nos carros que permitirá aos carros passarem de um lado da fronteira para outro lado da fronteira sem parar, desde que tenham o tal dispositivo que os identifique como carros que são da região, são da zona e que são carros que estão autorizados a fazer comércio e a ter relações económicas quer com um lado quer com outro.

V.
Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa, baseado em Bruxelas, e que está semana está em Macau. Hoje às 18:30 da Fundação Rui Cunha, o antigo representante do Secretário-Geral das Nações Unidas vai participar na palestra: "O Futuro da União Europeia: Quem Assume a Liderança?". Esta é uma iniciativa conjunta da Universidade de Macau e do Instituto de Estudos Europeus de Macau. Tem o apoio da U.E. e da Associação de Imprensa em Língua Portuguesa e Inglesa (AIPIM). A sessão vai ser moderada pelo presidente desta associação, José Carlos Matias.
E ainda antes de terminar, temos hoje uma sugestão de cinema.

"Darkest Hour" é um filme sobre Winston Churchil. Estreou já no Canadá e Estados Unidos e chega ao mercado britânico e ao português no início de 2018.A obra de Joe Wright está centrada nos primeiros dias da II Guerra Mundial. É também a derradeira participação do actor britânico John Hurt, que morreu no início deste ano. Hurt fazia o papel de Neville Chamberlain, antecessor do primeiro-ministro britânico Churchill.
Nós ficamos por aqui. Para a semana o Magazine Europa vai de férias. Regressa no dia 19 de Dezembro. Até lá.

[ficha técnica]
Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.
As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.
O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus
+ Estamos no Facebook em Magazine Europa.